

AS CARNES SACRIFICADAS AOS ÍDOLOS (1Cor 8–10)

Ademir Rubini

Resumo

Uma das marcas da sociedade atual é o pluralismo cultural, principalmente religioso. Este fenômeno, porém, não é de hoje. No tempo de Paulo ele também era expressivo, sobretudo nos grandes centros urbanos, como em Corinto. As comunidades cristãs enfrentaram diversas crises diante de práticas ligadas à cultura greco-romana. O culto às diversas divindades, expresso nas carnes sacrificadas, conflitava com a profissão de fé monoteísta, oriunda da tradição judaica. Escrevendo aos coríntios, Paulo orientou a comunidade cristã a viver a caridade, sobretudo, com os irmãos que tinham uma consciência sensível diante de tais práticas. Embora sabendo que Deus é único e que os ídolos não possuem existência própria, conforme a tradição judaica, o Apóstolo adverte para o cuidado do outro que não havia ainda alcançado tal conhecimento e liberdade. Mais do que aplicar uma lei, Paulo procurou argumentar sobre o tema, levando em conta a situação vital dos seus interlocutores.

Palavras-chave: *Idolatria. Liberdade. Caridade. Diálogo inter-religioso. Ecumenismo.*

Abstract

One of the hallmarks of today's society is cultural pluralism, especially religious. This phenomenon, however, is not only today. In Paul's time it was also significant, especially in large urban centers like Corinth. Christian communities have faced several crises facing practices related to Greco-Roman culture. The cult to various divinities, expressed in the sacrificed flesh, conflicted with the profession of monotheistic faith, derived from Jewish tradition. Writing to the Corinthians, Paul instructed Christian's communities to live charity, especially with brothers who had a sensitive conscience before such practices. Although knowing that God is one and that idols have no existence, according to Jewish tradition, the Apostle warns caring for others that had not yet reached such knowledge and freedom. More than

applying a law, Paul sought to argue on the subject, taking into account the vital status of their interlocutors.

Keywords: *Idolatry. Freedom. Charity. Interreligious dialogue. Ecumenism.*

Vivemos, na atualidade, marcados por uma sociedade plural. O pluralismo, no entanto, não é um fenômeno novo. No tempo de Paulo, embora com características diferentes, também era assim. Até hoje temos dificuldade de lidar com a pluralidade, principalmente, religiosa. Podemos até admiti-la como valor, mas quando se trata de uma prática concreta, de um diálogo efetivo com as diferenças, muitas vezes não sabemos como agir e preferimos nos fechar para não correr o risco de perdermos nossa identidade.

A comunidade cristã de Corinto, no tempo de Paulo, precisou enfrentar diversas crises, provocadas, sobretudo, por práticas consideradas incoerentes com a fé cristã. A dúvida, muitas vezes, tomava conta dos cristãos, que tinham necessidade de esclarecimentos sobre sua conduta. Afinal, o cristianismo era uma religião nova e, embora tivesse como parâmetro a tradição judaica, precisava adequar-se à novidade trazida por Cristo.

A pluralidade cultural, principalmente religiosa, se mostrava mais evidente nos centros urbanos. Ainda mais em Corinto, que era uma grande cidade da época e havia um enorme fluxo de pessoas, principalmente estrangeiras. Entre os principais motivos dessa grande mobilidade social e cultural estava a existência de dois portos na cidade¹. Essa pluralidade cultural vinha de todo o Império Romano. O pluralismo religioso e a prática de diversos cultos, a diversas divindades, era muito comum. A cultura greco-romana era caracterizada por essa realidade. A religiosidade permeava em todos os âmbitos da sociedade.

Os cristãos de Corinto traziam essas marcas. A maioria deles veio do mundo gentio e cultivava certas práticas religiosas de acordo com a cultura local. Ainda que muitos já tivessem conhecido o judaísmo, e até simpatizado com esta religião, exigiu deles uma mudança de vida². Ao aderirem ao cristianismo tiveram que abandonar o jeito antigo de ser e a forma de viver, principalmente no que se refere às práticas culturais. No entanto, a comunidade cristã não vivia isolada

1. Cencreia, ao ocidente, e Laqueu, ao oriente.

2. Segundo Crossan e Reed, os principais interlocutores de Paulo, nas suas cartas, não eram os puramente gentios, tampouco os puramente judeus. Paulo teria se dirigido, prioritariamente, aos tementes a Deus. “A primeira e principal hipótese é que a missão de Paulo aos pagãos ou gentios não se concentrava primeiramente nos plenos judeus nem nos puros pagãos, mas nesses intermediários tementes a Deus ou adoradores de Deus, ou, para dizer simplesmente, nos simpatizantes.” (Cf. CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo Paulo opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 45).

das demais pessoas. O contexto externo continuava o mesmo e acabava trazendo complicações à nova maneira de comportar-se como cristã. Embora sendo cristãos, continuaram frequentando os diversos espaços públicos da cidade, até mesmo para suprir suas necessidades básicas, como a compra de alimentos, a necessidade de trabalhar para sobreviver.

Uma dessas dificuldades estava em relação aos alimentos adquiridos nos mercados, sobretudo as carnes. Era muito comum o povo oferecer sacrifícios de animais às divindades. Esta carne era vendida nos mercados. Podiam ser consumidas nas dependências do templo ou levadas para consumir em casa. “Geralmente, uma parte era queimada sobre o altar dos sacrifícios; outra parte era consumida pelos sacerdotes; uma terceira, enfim, era vendida em benefício dos funcionários do templo”³.

A oferta de sacrifícios de animais nos templos pagãos carregava em si duas dimensões fundamentais para a sociedade pagã antiga. Uma dimensão vertical, através da qual aconteciam as relações entre deuses e pessoas humanas, e uma horizontal, que tinha como meta fortalecer as relações humanas. Um exemplo disso, em Corinto, era o santuário de Asclépio, que era ao mesmo tempo lugar do culto, da cura e do encontro comunitário⁴.

Embora, segundo Paulo, os cristãos haviam se convertido, afastando-se dos ídolos e servindo ao Deus vivo e verdadeiro (1Ts 1,9), a questão não estava ainda plenamente resolvida. “Apesar dessa conversão, eles continuaram a voltar aos templos de ídolos (que, em uma cidade como Corinto, funcionavam evidentemente como uma espécie de restaurante) e ali comiam o alimento que fora sacrificado ao ídolo”⁵. Isso provocou dúvidas e divisões na comunidade cristã. Seria possível consumir essa carne sem cometer idolatria? Enquanto alguns cristãos afirmavam que sim, outros duvidavam e tinham problemas de consciência. Paulo procura responder esta questão em 1Cor 8–10, fazendo um paralelo entre a liberdade cristã e a caridade.

3. QUESNEL, Michel. *Paulo e as origens do cristianismo*. São Paulo, SP: Paulinas, 2004, p. 45. Escavações na antiga cidade de Corinto revelaram a existência de salas de jantar no recinto de um templo consagrado a Asclépio ou Esculápio. “No mundo gentílico, o abate de animais costumava acontecer em forma de um ritual religioso. Quer oferecida numa refeição cultural no templo pagão, quer vendida nos mercados, a carne havia sido consagrada a divindades, consideradas ídolos tanto pela comunidade judaica quanto cristã. Comer tal carne poderia significar infração do primeiro mandamento.” (Cf. BRAKEMEIER, Gottfried. *A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à comunidade de Corinto: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST, 2008, p. 107).

4. CROSSAN; REED, 2007, p. 275.

5. COMFORT, P.W. In: HAWTHORNE, Gerald F. & MARTIN, Ralph P. (orgs.) *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Trad. Barbara Theoto Lambert, São Paulo: Loyola, 2008, p. 653.

Estrutura do texto bíblico

Paulo aborda a questão partindo do pressuposto de que há uma doutrina clara quanto às carnes sacrificadas aos ídolos: o ídolo nada é e não há outro Deus a não ser o Deus único. “Em nome dessa legítima convicção de que os ídolos nada valem, certos coríntios, indubitavelmente entre os mais instruídos, não viam nenhum inconveniente em consumir carnes oferecidas aos ídolos pagãos”⁶. Este conhecimento, porém, não resolve todos os problemas, quando colocado como único critério. Algo maior se impõe como necessidade, isto é, a caridade. Enquanto a ciência exata leva ao orgulho, a caridade constrói a comunidade. Por outro lado, embora Paulo tenha tido consciência de que existe um só Deus, o Pai, e um só Senhor, Jesus Cristo, reconhece também que muitos deuses e senhores são assim chamados (1Cor 8,1-6).

Paulo exorta sobre a preponderância da caridade. Enquanto nem todos possuem a consciência clara de que os ídolos nada são, e acreditarem que realmente as carnes foram oferecidas aos ídolos, é necessário ter o cuidado para não criar problemas de consciência e até de desviar as pessoas do caminho de Cristo. A liberdade dos esclarecidos não deve ser causa de perdição para estes irmãos de consciência fraca. Prejudicá-los é pecar contra Cristo. Portanto, se comer estas carnes é motivo de escândalo é melhor não comê-las (1Cor 8,7-13).

Em 1Cor 9, Paulo deixa por um momento de tratar diretamente sobre o tema da carne sacrificada aos ídolos para expor sobre a sua liberdade como Apóstolo. Num primeiro momento, parece que não tem nada a ver com o tema iniciado no capítulo anterior. No entanto, seu exemplo quer ilustrar que a liberdade cristã vem acompanhada simultaneamente de renúncia e caridade. Paulo abre mão de direitos, como de ter uma mulher que o acompanhasse nas viagens, de um salário, fazendo-se servo de todos em vista da evangelização. Paulo, certamente, quis relacionar suas atitudes com a postura daqueles que não viam problema nenhum em consumir carne sacrificada aos ídolos. “Teoricamente falando, é certo que eu teria o direito de comer de tudo e em toda parte. Mas é preciso saber renunciar a determinados direitos pelo bem dos outros”⁷.

A seguir, Paulo retoma o tema do capítulo 8, apresentando a história dos antepassados, no deserto, que se deixaram levar pela cobiça, pela idolatria e pela fornicção. Isso devia servir de exemplo para a comunidade, a fim de não se deixar vencer pelas tentações (1Cor 10,1-13).

6. QUESNEL, 2004, p. 47. É interessante perceber que Paulo não quis resolver a questão simplesmente aplicando a lei decretada no Concílio de Jerusalém (At 15,29), que deveria ser orientação para toda a Igreja. Em nenhum momento menciona esse decreto. Prefere argumentar sobre o sentido de tal prática.

7. QUESNEL, 2004, p. 48.

Por isso, Paulo insiste para fugir da idolatria. Compara a comunhão formada com Cristo, mediante o cálice abençoado e o pão partido, com a comunhão que pode acontecer com aqueles que comem as carnes sacrificadas. Embora sabendo da inexistência dos ídolos, enquanto entes reais e com vida própria, Paulo chama a atenção para o sentido dado por parte daqueles que oferecem o sacrifício (1Cor 10,14-22).

A partir disso, Paulo encaminha soluções práticas para o problema. Voltando à questão da liberdade, através do chavão “tudo é permitido”, o Apóstolo retoma também a caridade, dizendo que “nem tudo convém” e “nem tudo edifica” (1Cor 10,23). A decisão a ser tomada deve ser determinada não pelos interesses próprios, mas pelos do próximo. A princípio, pode-se comer de tudo, contanto que não venha a prejudicar a consciência do outro. Esta deve determinar minhas atitudes (1Cor 10,23-30). Paulo conclui, lembrando que os cristãos devem agir em tudo para a glória de Deus, sem provocar escândalos e sem procurar seus interesses pessoais (1Cor 10,31-33).

O fenômeno da idolatria

Idolatria é um termo originado do grego, e significa adoração de ídolos ou de imagens. Este era um problema enfrentado pelo antigo Israel, que vivia cercado de povos que desenvolviam essa prática. “No Egito, na Mesopotâmia e provavelmente também em Canaã, os devotos das divindades pensavam que as imagens culturais compartilhavam a realidade da divindade representada [...]”⁸. A imagem era identificada com a divindade, diante da qual se prostravam em adoração (Nm 25,1-2). De uma forma ou outra, este ambiente acabava influenciando a fé dos israelitas. A proibição do uso de imagens fundamentava-se, entre outras coisas, na tentativa de impedir esta interferência externa. Se bem que, na prática, ela acabava acontecendo.

A convicção do monoteísmo não era presente desde o início do povo de Israel. Por um longo período, provavelmente até o final da monarquia, era muito forte o pluralismo religioso. Talvez seja mais seguro afirmar que, neste período, era mais comum a prática da monolatria do que a do monoteísmo. O culto exclusivo, exigido por Javé (Ex 20,3-4), desembocará, somente mais tarde, na negação da existência de outros deuses (Dt 4,35). Além de Javé não existe outro Deus. Ele é o único Deus (Is 43,10-11; 44,6; Dt 6,4). Esta profissão de fé, no entanto, foi tardia. Podemos situá-la, provavelmente, no período do exílio ou logo depois.

A postura de Paulo em relação à idolatria era a mesma do judaísmo em geral. Ele era um monoteísta convicto, e qualquer forma de culto fora dos parâmetros estabelecidos pela tradição judaica significava falsidade e desvio da verdadeira

8. COMFORT, P.W. In: HAWTHORNE, Gerald F. & MARTIN, Ralph P. (orgs.), 2008, p. 651.

fé (1Cor 12,2). Paulo não se preocupou, normalmente, em discutir a questão de Deus. Suas convicções sobre Deus eram axiomáticas e não havia necessidade de explicá-las. “Uma das razões por que Paulo não teve que explicar ou defender sua fé em Deus era que ela era a fé fundamental da sua própria tradição, a fé na qual fora instruído desde a juventude e segundo a qual vivera sua vida desde quando tinha memória”⁹. Converter-se a Deus era voltar-se ao Deus professado pelos judeus. O *Shemá* (Dt 6,4), recitado duas vezes por dia, era o princípio básico da fé judaica. Esta convicção se expressa em diversas passagens de suas cartas (Gl 3,20; 1Cor 8,4; Rm 3,30; 16,25; 1Ts 1,9). Esta lista pode ser ampliada se levarmos em conta os escritos deuteropaulinos (1Tm 1,17; 2,5; 6,15-16; Ef 4,6). Por isso, Paulo pede aos cristãos que se afastem da idolatria (1Cor 10,14).

Antes de escrever a carta aos Coríntios, que conhecemos hoje como a primeira, Paulo havia escrito outra, orientando para que os cristãos se afastassem dos que mantinham alguma prática de idolatria, apesar de terem aderido à fé cristã (1Cor 5,9-11). A necessidade de maiores esclarecimentos sobre o caso fez com que Paulo abordasse o assunto com maior profundidade, dedicando três capítulos a esse tema (1Cor 8–11).

Há duas referências que expressam claramente a postura de Paulo em relação aos cultos pagãos. A primeira está em 1Cor 12,2, na qual o Apóstolo lembra o tempo em que os cristãos eram gentios e eram *irresistivelmente arrastados para os ídolos mudos*. A segunda está em 1Ts 1,9, mencionando o fato de terem se convertido dos ídolos a Deus, para servir ao Deus *vivo e verdadeiro*.

Além disso, em Rm 1,18-32, Paulo lembra o pecado dos gentios que, embora tendo acesso a Deus mediante a criação, preferiram adorar a criatura em lugar do Criador. “[...] trocavam a Deus imortal e invisível por imagens (ídolos) mortais e visíveis”¹⁰. A carta aos Efésios, embora não sendo considerada uma carta autêntica de Paulo, amplia a visão de idolatria. “Efésios 5,5 deixa claro que os idólatras não são apenas os que vão a templos pagãos e adoram ídolos; os idólatras incluem os que são gananciosos ou cobiçosos”¹¹.

Viver na liberdade

O evangelho da liberdade é, certamente, o núcleo central da pregação de Paulo. *Foi para viver na liberdade que Cristo nos libertou*, afirmou aos gálatas (5,1). Viver como um povo livre sempre foi a bandeira do povo de Israel. No mundo greco-romano, principalmente nas escolas filosóficas da época, a liberda-

9. DUNN, James D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Trad. Edwino Royer, São Paulo: Paulus, 2003, p. 57.

10. COMFORT, P.W. In: HAWTHORNE, Gerald F. & MARTIN, Ralph P. (orgs.), 2008, p. 654.

11. COMFORT, P.W. In: HAWTHORNE, Gerald F. & MARTIN, Ralph P. (orgs.), 2008, p. 654.

de era o grande ideal. O sistema escravagista, imposto pelos gregos e pelos romanos, impedia boa parte da população de viver na liberdade. Em certos lugares, como em Roma, dois terços da população eram escravos. É claro que a liberdade, segundo as filosofias da época, não tinha como único critério a dimensão econômica ou social. Muitos apregoavam uma liberdade, sobretudo, interior.

Esse ideal de liberdade concretizou-se, segundo Paulo, com Jesus Cristo. A partir de Cristo, todos são chamados a viver na liberdade. No entanto, Paulo também deixou claro que a liberdade não deve ser pretexto para viver segundo os instintos egoístas (Gl 5,13). Somente há verdadeira liberdade quando se vive segundo o Espírito, direcionando a vida a serviço dos outros, vivendo no amor. Em Corinto muitos diziam: Tudo é permitido (1Cor 10,23). Paulo estava plenamente de acordo com isso, inclusive quando se referia ao comer carne sacrificada aos ídolos. Porém, logo a seguir, Paulo também diz: nem tudo convém, nem tudo é construtivo para a comunidade. Somente uma coisa edifica, em todas as ocasiões, ou seja, a caridade (1Cor 8,1).

Embora sabendo do grande valor dado à liberdade, Paulo também tinha consciência do perigo que isso representava. Por isso, afirmou: *Tomai cuidado, porém, para que essa vossa liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos* (1Cor 8,9). Para aqueles que não haviam ainda alcançado a *ciência exata* (1Cor 8,1), haveria de se ter o cuidado para não provocar escândalos. A caridade deveria estar em primeiro lugar. Na carta aos Romanos, Paulo usou as categorias “fracos” e “fortes”, ou seja, entre os de fé esclarecida e os que viam risco de idolatria em tudo o que os “fortes” faziam (Rm 14,1–15,13). Entre os romanos também havia dificuldades no relacionamento. A comunidade estava dividida em dois grupos. Paulo orientou para uma conduta que edificasse a comunidade, principalmente, a solidariedade. “Ética cristã, pois, será sempre ética social, respectivamente ética de responsabilidade, para a qual não bastam as boas intenções nem a boa consciência para qualificar uma ação como boa ou má”¹².

Para Paulo, a liberdade diante da lei ou de outras práticas não pode levar ao prejuízo dos fracos. Tampouco os fracos têm o direito de julgar a conduta dos fortes. É necessário o respeito pela consciência do outro, o mútuo acolhimento e, acima de tudo, a caridade. “A liberdade cristã, diz Paulo, se fundamenta na fé e cada um tem direito de se comportar segundo sua consciência. Deve, contudo, levar em consideração a consciência do irmão em crise, que tem medo de recair na idolatria”¹³. A liberdade, sem a caridade, que impede de construir comunhão fraterna, pode ser causa de escravidão.

12. BRAKEMEIER, 2008, p. 113.

13. FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 384.

Os ídolos nada são?

A princípio, tese fundamental de Paulo é que um ídolo nada é; só Deus é Deus (1Cor 8,4). Não há o que temer, porque o ídolo, em si, não tem poder algum. Neste sentido, Paulo concorda com os que se julgavam com uma consciência esclarecida. “Ídolos não passam de invenções humanas. Na verdade, inexistem. A fala em ídolos é reflexo da perspectiva judaica, para a qual os deuses pagãos eram divindades falsas, ‘obras de mãos de homens’ (Is 37,19), cujo culto representa abominável ‘idolatria’”¹⁴.

No entanto, é preciso esclarecer o sentido dado ao gesto de oferecer um sacrifício a uma divindade pagã. “Não digamos apressadamente, em nome de um conhecimento que poderíamos considerar superior, que sacrificar a um ídolo é um gesto neutro”¹⁵. Embora sabendo da unicidade de Deus, Paulo reconhece que há muitos deuses e senhores, referindo-se ao panteão greco-romano e aos homens divinizados, como o imperador. Mesmo não existindo ou não tendo poderes por si mesmos, o culto a eles prestado exerce um poder, que talvez poderíamos identificar como psicológico, sobre as pessoas que sacrificam a essas divindades.

Paulo menciona que a comunhão pode acontecer em duas direções: com Jesus Cristo, mediante seu corpo e sangue (1Cor 10,16). “Mas paralelamente, os sacrifícios de Israel colocam em comunhão com o altar (v. 18) e, por mais que os deuses pagãos nada sejam (v. 19), o que a eles se sacrifica vai para os demônios (v. 20)”¹⁶. Por isso Paulo orienta: *Assim, pois, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair* (1Cor 10,12). Quem brinca com fogo pode se queimar.

Nenhuma consciência é absoluta. Como seres humanos, somos portadores de limitações e, não raras vezes, podemos nos enganar. É importante agir segundo a própria consciência. No entanto, é mais seguro agir levando em conta também a consciência do outro. “Se uma pessoa pretende encontrar apenas em si mesma os critérios absolutos de seu discernimento, expõe-se a cometer graves erros”¹⁷.

Paulo se reporta ao tempo do deserto, para servir de exemplo, a fim de que se evite cometer o mesmo erro, caindo na idolatria (1Cor 10,6-11). Os coríntios haviam se convertido ao cristianismo. Porém, o ambiente social dificultava a permanência da prática cristã. “Reproduzir na comunidade aquele tipo de sociedade cheia de ídolos promotores da injustiça seria como querer voltar ao Egito e à morte”¹⁸.

14. BRAKEMEIER, 2008, p. 108. Se partirmos do pressuposto de que não existem deuses, da mesma forma, podemos afirmar que não existe a consagração da carne e, portanto, a idolatria.

15. QUESNEL, 2004, p. 49.

16. SÁNCHEZ BOSCH, Jordi. *Escritos paulinos*. São Paulo: Ave-Maria, 2002, p. 187.

17. QUESNEL, 2004, p. 51.

18. BORTOLINI, José. *Como ler a primeira Carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 50.

Saber distinguir

Uma norma de conduta é estabelecida, normalmente, a partir de uma necessidade. No momento em que uma lei é criada passa a ser aplicada em todas as circunstâncias a ela relacionadas. A tendência é simplesmente aplicá-la, sem levar em conta a necessidade que a fez surgir. De forma parecida podemos olhar a situação da comunidade cristã de Corinto, de consumir ou não carne sacrificada aos ídolos. Parece que os coríntios almejavam que Paulo estabelecesse uma norma fixa: pode ou não pode. A postura de Paulo, no entanto, não foi de criar ou de aplicar uma lei, mas de levar a uma reflexão mais profunda, ajudando a comunidade cristã a realizar certas distinções. “Em teologia paulina não existe lei absoluta. O comportamento do fiel não deve fundamentar-se nem sobre mandamentos nem sobre proibições. A consciência vence a lei”¹⁹.

Para Paulo, havia diferença entre comer carne sacrificada num lugar público, como no templo, que pode ocasionar escândalo para “os fracos”, ou em casa (1Cor 8,10-13); da mesma forma, não é a mesma coisa comer essa carne na casa de alguém que não suscita questões por motivo de consciência ou se alguém observa que ela foi oferecida aos ídolos (1Cor 10,27-28). “Para Paulo, poderíamos dizer, simplificando deliberadamente o discurso, não existe outra moral senão a moral de situação. E toda teologia é uma teologia situada num contexto”²⁰. É necessário o uso do bom-senso em cada situação. Isso não significa desprezar leis e normas estabelecidas, mas colocá-las a serviço da vida e do bem comum.

A idolatria no tempo de Paulo e hoje

A idolatria precisa ser redefinida, de acordo com o contexto em que se vive. Necessitamos o cuidado para não transpor os textos paulinos que tratam do tema, sem levar em conta a diversidade de contextos. “É claro que o problema da idolatria se coloca hoje, decorridos dois mil anos, em termos diferentes. A fisionomia dos deuses mudou e a liturgia de seus cultos também. Ademais, proíbe-se a indiscriminada demonização das religiões não cristãs”²¹. Caso contrário, poderemos cometer injustiças e estancarmos o diálogo inter-religioso.

Conforme vimos acima, a princípio, dificilmente poderíamos falar de tolerância religiosa em Paulo. Sua proposta parece ser clara: o jeito é abandonar os ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro. As afirmações do Apóstolo, de que

19. QUESNEL, 2004, p. 51.

20. QUESNEL, 2004, p. 53.

21. BRAKEMEIER, 2008, p. 135.

há um único Deus, revelado na tradição judaica, e a orientação de que os cristãos se afastassem dos cultos e das pessoas que praticassem idolatria, revelam uma postura claramente contrária a qualquer forma de diálogo. O elogio que o Apóstolo fez aos tessalonicenses, por terem se convertido, abandonando aos ídolos para servir a Deus (1Ts 1,9), demonstra seu proselitismo. Não houve espaço para a diversidade, tampouco para o diálogo inter-religioso. Esta referência de Paulo, no seu primeiro escrito, expressa uma síntese de sua pregação, pelo menos no início do seu ministério.

Porém, precisamos situar Paulo no seu universo, ao mesmo tempo judeu e helenístico. Entender suas cartas num contexto urbano, como um judeu de fronteira. Paulo era um judeu da diáspora e teve acesso à cultura helenística. Trazia em seu pensamento traços dessa cultura. No entanto, o que mais marcou sua forma de pensar e agir foi, certamente, a cultura judaica. A educação familiar e sinagoga, dentro dos princípios judaicos, deu a ele as bases fundamentais, principalmente, o princípio monoteísmo (Dt 6,4). Essa orientação foi ainda mais fortalecida, se foi de fato aluno do rabino Gamaliel, conforme Lucas nos apresenta (At 22,3).

Para compreender os textos de Paulo, precisamos vê-los à luz desse contexto, para não perder sua intenção primeira. Paulo lidou com um complexo cultural e religioso. Nesse ambiente ele quis anunciar o Deus vivo e verdadeiro. Sua relação com as diversas manifestações religiosas foi bastante determinada pela cultura judaica do seu tempo. Embora tenha feito uma releitura do judaísmo, a partir de Cristo, sua convicção monoteísta não mudou e nem sua relação com as religiões greco-romanas.

Nas entrelinhas dos seus textos, no entanto, Paulo deixa transparecer um princípio norteador fundamental quando se trata de questões concretas. É o primado da caridade. Embora tendo clareza quanto à doutrina cristã, na prática busca levar em conta as situações vitais das pessoas e comunidades. O respeito pela consciência e maneira de pensar do outro devem estar em primeiro lugar. Liberdade sim, mas com caridade.

Mesmo que encontremos dificuldade em perceber, à primeira vista, abertura para o diálogo inter-religioso, Paulo trabalhou numa perspectiva ecumênica no interior do cristianismo, respeitando a liberdade e a diversidade. Como vimos acima, na forma como orientou o conflito em torno da questão da carne sacrificada aos ídolos (1Cor 8–10), o Apóstolo procurou conciliar a *ciência exata* (8,1) com a *consciência fraca* (8,7). A liberdade de alguns não podia ser causa de queda para outros (8,9). Paulo colocou as pessoas acima da lei e da doutrina.

Nesta perspectiva, podemos lembrar o conflito enfrentado por Paulo em Antioquia, referente à comunhão de mesa (Gl 2,11-14). Internamente, Paulo lutou

para o respeito à pluralidade e à liberdade. Por causa de sua abertura aos gentios, Paulo, provavelmente, acabou ficando sozinho. A partir desse momento, entretanto, a diversidade deixou de ser um tema para ser algo imprescindível a fim de que a evangelização junto aos gentios pudesse acontecer. Portanto, a liberdade e a pluralidade, no interior do cristianismo, foram buscadas por Paulo. A defesa dos gentios, como participantes plenos da salvação realizada em Cristo, sem passar necessariamente pela prática da lei judaica, foi a grande meta de Paulo. Esta postura de Paulo nos ajuda discernir hoje, diante do pluralismo religioso com o qual nos deparamos. “Sem a defesa das minorias, o respeito pelas diferenças e as particularidades, nunca poderia construir-se verdadeiramente uma autêntica fraternidade (tradução nossa)”²².

Um dos grandes desafios da atualidade, diante do pluralismo cultural, sobretudo religioso, é manter a identidade das diversas tradições. Por outro lado, esta tarefa não pode prescindir de levar em conta, não apenas o respeito pela liberdade e a diversidade, mas o diálogo com as diferenças, objetivando construir um mundo justo e fraterno. “Esta comunhão na diversidade e o paradigma último que sustenta esta certeza precisarão de um Deus que sendo único, em si mesmo, seja ao mesmo tempo pluralidade e diversidade em comunhão de natureza e amor (tradução nossa)”²³. Que o primado da caridade, que efetivamente edifica a comunidade, possa ser o critério último desse ideal.

Bibliografia

BORTOLINI, José. *Como ler a primeira Carta aos Coríntios*: superar os conflitos em comunidade. São Paulo: Paulinas, 1992.

BRAKEMEIER, Gottfried. *A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à comunidade de Corinto*: um comentário exegético-teológico. São Leopoldo: Sinodal, Faculdades EST 2008.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo*: como o apóstolo Paulo opôs o Reino de Deus ao Império Romano. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.

22. Sin la defensa de las minorias, el respeto de las diferencias y las particularidades tampoco nunca podría construirse en verdad una auténtica fraternidad. FERNANDEZ, Nurya Martínez-Gayol. *Pluralismo e imágenes de Dios*. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de; MORI, Geraldo De. *Deus na sociedade plural: fé, símbolos, narrativas*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 85.

23. Esta comunión en la diversidad y el paradigma último que sostiene esta certeza, precisará de un Dios que siendo único, em si mismo sea al mismo tiempo pluralidad y diversidad en comunión de naturaleza y amor. FERNANDEZ. In: OLIVEIRA; MORI, 2013, p. 91.

DUNN, James D.G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Trad. Edwino Royer, São Paulo: Paulus, 2003.

FABRIS, Rinaldo. *Paulo: Apóstolo dos gentios*. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

HAWTHORNE, Gerald F. & MARTIN, Ralph P. (orgs.) *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Trad. Barbara Theoto Lambert, São Paulo: Loyola, 2008.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de.; MORI, Geraldo De. *Deus na sociedade plural: fê, símbolos, narrativas*. São Paulo: Paulinas, 2013.

QUESNEL, Michel. *Paulo e as origens do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SÁNCHEZ BOSCH, Jordi. *Escritos paulinos*. São Paulo: Ave-Maria, 2002.

Ademir Rubini

Rua Antônio Ogliari, 115

CEP: 89820-000, XANXERÊ, SC

E-mail: ademir_rubini@yahoo.com.br